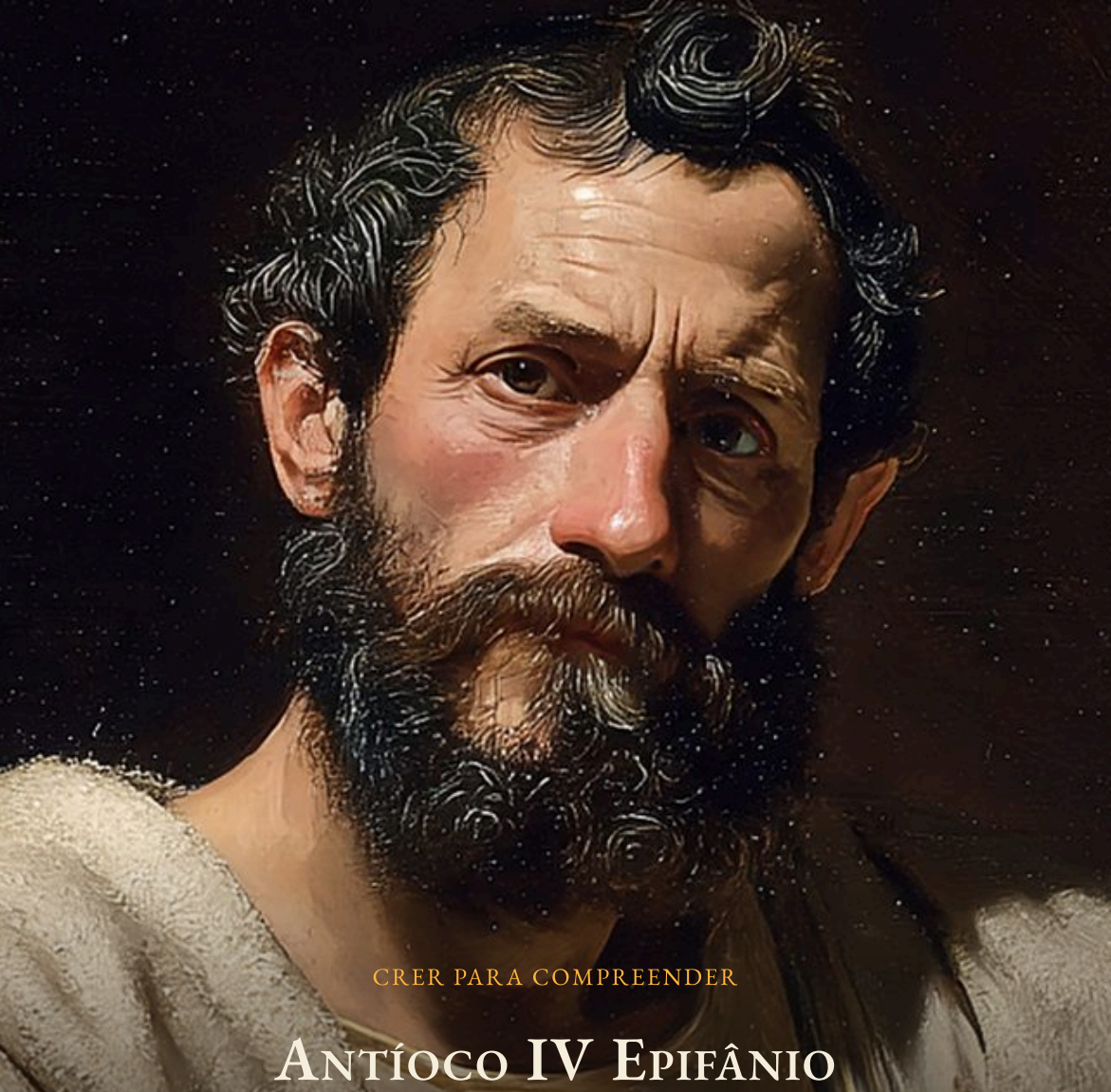

CRER PARA COMPREENDER

Antíoco IV Epifânio

O rei que se chamava deus manifesto e que um historiador grego chamava de louco, os sumos sacerdotes que compraram o cargo e lhe abriram as portas de Jerusalém, o círculo riscado no chão perto de Alexandria, os decretos de 167 antes de Cristo e o tirano que Daniel viu quebrado sem mão

D. G. DE SOUZA

HAC-S02-001

Antes de começar

Quem é quem

Antíoco IV	sem ficha; uns 47 anos em 168 e 51 em 164
Popílio Lenas	sem ficha; senador romano, toga, ramo de videira na mão.
Jasão	e **Menelau:** sem ficha; uns 40, túnica e manto de sacerdote
Onias III	sem ficha; uns 60, veste de sumo sacerdote.
Eleazar	sem ficha; 90 anos, barba branca, manto simples.
A mãe dos sete	sem ficha

Neste fascículo

I	O círculo no chão
II	Os que foram ao rei
III	O rei que concluiu
IV	Duas explicações na mesma boca
V	Sem mão

Capítulo I

O círculo no chão

Em 168 antes de Cristo, em Elêusis, um lugar a quatro milhas de Alexandria, o rei da Síria estava às portas da capital do Egito. Dois anos antes, tinha vencido perto de Pelúsio e tomado Mênfis; agora descera de novo com o exército até Alexandria. Veio ao encontro dele um enviado do Senado romano, Caio Popílio Lenas. O rei o saudou de longe e estendeu a mão. O romano não a apertou: entregou-lhe uma tabuinha com o decreto do Senado e mandou que a lesse primeiro.

Quem conta a cena é Políbio de Megalópolis, um historiador grego que viveu em Roma naqueles mesmos anos.

> *"[Antíoco disse que queria consultar os amigos sobre o que estava escrito.] Popílio, tendo à mão um bastão de videira, riscou com o ramo um círculo em volta de Antíoco e mandou que desse dentro desse giro a resposta. [...] [O rei, espantado,] depois de hesitar um pouco, disse que faria tudo."*
>
> Políbio, *Histórias* 29.27.4-8

Só então Popílio lhe deu a mão. O rei levou as tropas de volta para a Síria, diz Políbio, "pesado e gemendo, mas cedendo às circunstâncias". Lívio, o historiador romano, guardou em latim a frase do enviado: *priusquam hoc circulo excedas, redde responsum*, "antes de saíres deste círculo, dá a resposta" (45.12). E Políbio explica por que o rei obedeceu: pouco antes, em Pidna, Roma tinha esmagado o

rei da Macedônia, e "se isso não tivesse acontecido, não me parece que Antíoco teria obedecido" (29.27.12-13).[1]



Popílio, de toga, aponta com a vareta para o círculo riscado no chão em volta dos pés de Antíoco, de turbante alto e manto; atrás, romanos de toga e guardas sírios de lança; ao fundo, uma palmeira e uma pirâmide. Bartolomeu Pinelli, Popílio traça o círculo em volta de Antíoco, 1818, água-forte, Rijksmuseum, Amsterdã (CC0).

Bartolomeo Pinelli, Popílio traça o círculo em volta de Antíoco, 1818, água-forte, Rijksmuseum, Amsterdã, RP-P-1929-240 (CC0)

O rei que voltava do Egito

O rei do círculo era Antíoco IV, que as moedas chamavam de "deus manifesto". No ano seguinte, ele proibiu em Jerusalém o sacrifício do Templo, o sábado, as festas, a circuncisão e a Lei de Moisés, sob pena de morte.

O fascículo *A casa de Anás* terminou com esse mesmo rei entrando no santuário de Jerusalém para saqueá-lo, e com o guia que lhe mostrava o caminho: o próprio sumo sacerdote, Menelau, "que se tornara traidor das leis e da pátria" (2 Macabeus 5:15).[2] O sumo sacerdote guiando o saqueador é o fio deste fascículo.

A pergunta deste fascículo

Antíoco IV quis mesmo acabar com o judaísmo por conta própria, ou foi puxado para dentro de uma briga entre facções judaicas? As fontes antigas não respondem com uma voz só. O primeiro livro dos Macabeus culpa o rei e uns "filhos sem lei" sem nome; o segundo dá os nomes e os preços dos sumos sacerdotes; Flávio Josefo conta a história de dois modos; os gregos e romanos quase não falam dos judeus; e Daniel fala de um "chifre" e de um "desprezado", sem nomes.

O fascículo segue essas vozes uma de cada vez, sem reduzir a perseguição a um mal-entendido político e sem pôr a culpa num povo inteiro, e termina onde Daniel termina o retrato do rei: "e sem mão será quebrado".

Refém em Roma

O primeiro livro dos Macabeus, escrito por volta de 100 antes de Cristo por um partidário da família que liderou a revolta, apresenta o rei numa linha.

1 Macabeus 1:10

καὶ ἐξῆλθεν ἐξ αὐτῶν ῥίζα ἁμαρτωλὸς Ἀντίοχος Ἐπιφανὴς υἱὸς Ἀντιόχου τοῦ βασιλέως ὃς ἦν ὅμηρα ἐν Ῥώμῃ

"E saiu deles uma raiz pecadora, Antíoco Epifânio, filho do rei Antíoco, que tinha sido refém em Roma."

E reinou, diz o versículo, "no ano cento e trinta e sete do reino dos gregos", isto é, em 175.

"Raiz pecadora" é palavra de horta: um broto ruim no tronco dos sucessores de Alexandre. E o único dado de vida que o livro escolhe é este: refém em Roma. Depois de perder a guerra contra os romanos, o pai dele, Antíoco III, tinha assinado em Apameia, em 188, uma paz que exigia vinte reféns (Políbio 21.43.22). O filho mais novo do rei passou anos na cidade que, em Elêusis, o faria recuar.

Depois o irmão, o rei Seleuco IV, mandou a Roma o próprio filho, Demétrio, "em lugar do irmão Antíoco", conta o historiador Apiano; e, morto Seleuco numa conspiração, em 175, o herdeiro de direito estava refém em Roma quando dois reis de Pérgamo "instalaram Antíoco" no trono (*Síria* 45).[3]

O menino que reinou com ele

A lista dos reis da Babilônia, gravada em argila, guarda um dado que nenhum livro conta com tanta secura.



"Antíoco e Antíoco, seu filho, [eram] reis. [...] [Ano 1]42, [mês] Abu: por ordem de Antíoco, o rei, Antíoco, o rei, seu filho, foi morto. [...] Ano 143: Antíoco [único] rei."

Lista real babilônica do período helenístico (BM 35603), reverso 11-13

De 175 a 170, reinaram dois Antíocos: o tio e um menino, filho de Seleuco IV, que ele tinha adotado. Em agosto de 170, o menino foi morto por ordem do rei.[4]

Deus manifesto e louco

Nas moedas de prata do rei, a legenda grega dizia: "do rei Antíoco, deus manifesto, portador da vitória".

Epifânio e Epímanes

Epiphanḗs, "manifesto", "que aparece", era o título oficial: o deus que se mostra. Epimanḗs, "furioso", "louco", é o trocadilho com uma letra só de diferença.

O apelido de louco não vem de um livro judeu. O livro 26 das *Histórias* de Políbio se perdeu, e o que ele dizia do rei sobrevive na obra de Ateneu, um escritor grego de por volta de 200 depois de Cristo que, no *Banquete dos sábios*, copiou trechos de muitos autores antigos. Ateneu usa a palavra quatro vezes, e a mais clara é esta:

Ateneu, *Banquete dos sábios* 10.439a

Πολύβιος [...] καλεῖ αὐτὸν Ἐπιμανῆ καὶ οὐκ Ἐπιφανῆ διὰ τὰς πράξεις

"Políbio, no vigésimo sexto livro das *Histórias*, o chama Epímanes e não Epifânio pelos seus atos."

Mas, quando Ateneu copia entre aspas as frases do próprio Políbio, a palavra é outra: "uns o tomavam por simples, outros por louco" (26.1.7). Se o trocadilho foi cunhado por Políbio ou se ele registrou uma piada que já corria, ninguém sabe. E nenhum desses textos diz que o apelido veio da corte: o nome que eles ligam ao apelido é o do historiador.[5]

A toga na ágora

O retrato que Ateneu copiou é o de um rei que fugia do próprio palácio.

"Às vezes, fugindo da corte sem os criados, aparecia em qualquer canto da cidade, vagando com um ou dois; e era achado sobretudo nas oficinas dos ourives e dos que trabalham a prata, discutindo com os cinzeladores. [...] Muitas vezes, tirando a veste real e tomando uma toga, percorria a ágora como candidato, apertando a mão de uns e abraçando outros, pedindo o voto, umas vezes para edil, outras para tribuno da plebe."

Políbio, *Histórias* 26.1.1-5, em Ateneu 5.193d-194a

O refém de Roma imitava, nas ruas de Antioquia, a política de Roma; para Lívio, "nem para ele nem para os outros ficava claro que homem era" (41.20). Mas os dois não param no deboche. Lívio acha nele "um espírito verdadeiramente régio" nos presentes às cidades e no culto dos deuses, como o templo de Zeus Olímpio em Atenas, "o único na terra começado à altura do deus". E o mesmo Políbio do "louco" escreveu, noutro livro, que "o rei Antíoco era ativo, de grandes empreendimentos e digno da aparência de rei, exceto pelos estratagemas em Pelúsio" (28.18).

Um rei capaz, generoso com os deuses das cidades gregas, imitador e devedor de Roma, e capaz de mandar matar o sobrinho que reinava com ele: esse é o homem que os gregos conheceram. Os judeus o conheceram por outro lado.[6]



Xilogravura: busto de Antíoco de perfil, barba bifurcada e coroa de pontas, com uma serpente enrolada no braço. Um retrato renascentista do rei como tirano, sem nada de histórico no rosto: o Antíoco das moedas usava o diadema de fita, e não a coroa de pontas. Georg Pencz, Tiranos do Antigo Testamento: Antíoco, c. 1535, Cleveland Museum of Art (CC0).

Georg Pencz, Tiranos do Antigo Testamento: Antíoco, c. 1535, xilogravura, Cleveland Museum of Art (CC0)

Um desprezado

O livro de Daniel não diz o nome do rei. No capítulo 11, chega a um que sobe ao trono sem direito a ele.

Daniel 11:21

וְעָמַד עַל־כַּנּוֹ נִבְזֶה וְלֹא־נָתְנוּ עָלָיו הוֹד מַלְכוּת וּבָא בְשַׁלְוָה וְהֶחֱזִיק מַלְכוּת בַּחֲלַקְלַקּוֹת

"E se levantará no lugar dele um desprezado, e não lhe deram a majestade do reino; e virá na calmaria, e se apoderará do reino com lisonjas."

"Não lhe deram a majestade do reino": o trono não era dele, porque o herdeiro estava em Roma e havia o menino. "Com lisonjas" é, ao pé da letra, "com coisas escorregadias". Até aqui, admite Jerônimo no *Comentário a Daniel*, de 407, "não houve controvérsia" entre os cristãos e o filósofo pagão Porfírio, que no século III tinha atacado o livro: os dois liam o desprezado como Antíoco.

Daniel usa a palavra das lisonjas mais duas vezes no mesmo capítulo, e nas duas ela fala de judeus.[7]

---

1. Políbio, *Histórias* 29.27.1-13, no grego de Büttner-Wobst (PerseusDL), e Lívio 45.11-12, no latim da Latin Library; o rei responde, em Lívio, *faciam quod censet senatus*, "farei o que o Senado decidir". Diodoro 31.2, na tradução inglesa de F. R. Walton (Loeb), diz que o rei cedeu "tanto mais porque acabava de saber do colapso macedônio". A batalha de Pidna foi em junho de 168. Políbio, Diodoro e Lívio não falam dos judeus nesse trecho.
2. Fascículo *A casa de Anás: os saduceus que prenderam os apóstolos* (HAC-S01-009). 2 Macabeus 5:15, no grego de Rahlfs. A ordem entre o círculo e o saque, que este fascículo segue, é a do segundo livro dos Macabeus e de Daniel 11:30 na Bíblia grega; o primeiro livro dos Macabeus põe o saque em 169, antes do círculo (ver o ato 3).
3. 1 Macabeus 1:10, no grego de Rahlfs (CCAT). Políbio 21.43.22: os reféns seriam trocados "a cada três anos". Apiano, *Síria* 45, na tradução inglesa da Livius.org: Seleuco foi morto "por uma conspiração de um certo Heliodoro, um dos cortesãos", e os reis eram Eumenes e Átalo. Lista real babilônica BM 35603, reverso 9 (setembro de 175; o dia tem restauração). O ano do nascimento de Antíoco IV, por volta de 215, é estimativa.
4. Lista real babilônica BM 35603, reverso 11-13, em tradução inglesa (Livius.org); a edição de A. J. Sachs e D. J. Wiseman (*Iraq* 16, 1954) não foi vista. Diodoro 30.7.2 (em inglês) fala de um

Andrônico "que assassinou o filho de Seleuco e foi por sua vez executado"; se é o Andrônico de 2 Macabeus 4:34-38 (ato 2), é hipótese dos comentadores.

5. Ateneu, *Banquete dos sábios* 2.45c, 5.193d, 5.196a e 10.439a, no grego de Kaibel (PerseusDL). Políbio 26.1.7. As moedas: Cabinet des Médailles, Paris, e Louvre, tetradracmas com Zeus Nicéforo no reverso. Apiano dá outra explicação do título: os sírios o chamaram Epifânio porque, tomado o governo por usurpadores, "ele se mostrou o verdadeiro soberano" (*Síria* 45). Calvino, nas *Preleções sobre Daniel* (1561), sobre 11:21, já registra que "Políbio diz que ele era chamado Epímanes por alcunha".
6. Políbio 26.1.1-14, por Ateneu 5.193d-194c; a cena do perfume nos banhos públicos é contada também por outra fonte, as memórias de Ptolemeu VIII (Ateneu 10.438f). Lívio 41.20. Políbio 28.18. Diodoro 29.32 e 31.16.1 (em inglês) dão o mesmo retrato.
7. Daniel 11:21 no hebraico da Sefaria; nas duas formas gregas de Rahlfs, "um desprezível" (a antiga) e "foi desprezado" (Teodocião), que verte as lisonjas por "escorregadelas". Jerônimo, *Comentário a Daniel*, sobre 11:21-24, na tradução inglesa de G. L. Archer (1958); o latim não foi conferido.

Capítulo II

Os que foram ao rei

Antes de o rei pôr a mão em Jerusalém, um judeu denunciou o tesouro do Templo ao fisco do rei. O segundo livro dos Macabeus, escrito em grego, começa a história em paz: a cidade vivia tranquila "pela piedade do sumo sacerdote Onias e pelo seu ódio ao mal", e o rei Seleuco IV custeava "das suas próprias rendas" os sacrifícios do Templo (2 Macabeus 3:1-3).

Então um certo Simão, "da tribo de Benjamim, posto como administrador do Templo", brigou com Onias "sobre a fiscalização do mercado da cidade" e, vencido, foi dizer ao governador que o tesouro estava cheio de riquezas que "podiam cair sob o poder do rei" (3:4-6). Veio um ministro buscá-las, Heliodoro, e o livro conta que ele foi açoitado dentro do tesouro por um cavaleiro e dois jovens. Depois Simão acusou Onias, houve assassinatos por gente dele, e o sumo sacerdote foi pessoalmente ao rei pedir proteção (4:1-6). A

crise começa assim: uma briga entre judeus pelo Templo, levada por um deles ao poder de fora.[1]

Filhos sem lei

O primeiro livro dos Macabeus não dá nenhum desses nomes. Logo depois de apresentar o rei, diz quem tomou a iniciativa.



> *"Naqueles dias saíram de Israel filhos sem lei e persuadiram a muitos, dizendo: Vamos e façamos aliança com as nações em volta de nós, porque, desde que nos separamos delas, nos acharam muitos males."*
>
> 1 Macabeus 1:11

"E alguns do povo se apressaram, foram ao rei, e ele lhes deu autoridade para fazer as ordenanças das nações"; "construíram um ginásio em Jerusalém"; "e fizeram para si prepúcios, e se afastaram da aliança santa" (1:13-15). Os prepúcios refeitos eram um modo de esconder a circuncisão no ginásio, onde os exercícios se faziam sem roupa. A ordem do livro é clara: primeiro os judeus vão ao rei; depois o rei concede. E há duas alianças em disputa, a que eles queriam "com as nações" e a "aliança santa" que abandonavam.[2]

Jasão compra o cargo

O segundo livro dos Macabeus dá o nome do primeiro.

2 Macabeus 4:7

[...] ὑπενόθευσεν Ἰάσων ὁ ἀδελφὸς Ονιου τὴν ἀρχιερωσύνην

"[Tendo Seleuco deixado a vida e recebido o reino Antíoco, chamado Epifânio,] Jasão, o irmão de Onias, obteve por corrupção o sumo sacerdócio."

O verbo "obteve por corrupção", *hypenótheusen*, vem de *nóthos*, "bastardo": Jasão abastardou o sumo sacerdócio, que passava de pai para filho na família de Onias. E pagou por ele.

Em números

590 talentos

O preço que Jasão ofereceu ao rei: 360 talentos de prata, mais 80 de outra renda, mais 150 se lhe permitissem "um ginásio e uma efebia e registrar os de Jerusalém como antioquenos" (2 Macabeus 4:8-9)

Com a licença comprada, Jasão construiu o ginásio "debaixo da própria acrópole" e pôs os melhores jovens "sob o pétaso", o chapéu do deus Hermes (4:10-12). O autor não esconde o nojo: "houve assim um auge do helenismo e um avanço do estrangeirismo, pela impureza de Jasão, ímpio e não sumo sacerdote" (4:13). E os sacerdotes, "desprezando o santuário e descuidando dos sacrifícios", corriam aos jogos "depois do chamado do disco" (4:14). Quando o rei visitou Jerusalém, foi recebido "magnificamente por Jasão e pela cidade, com tochas e aclamações" (4:21-22). Antes de qualquer saque, a cidade recebeu Antíoco em festa.[3]

Menelau oferece mais

Três anos depois, Jasão mandou ao rei um homem para levar o dinheiro devido. O portador ficou com o cargo.



"[Menelau, irmão do já mencionado Simão,] lisonjeando o rei [...], desviou para si o sumo sacerdócio, oferecendo trezentos talentos a mais que Jasão. [...] [Chegou] com os furores de um tirano cruel e as iras de uma fera bárbara."

2 Macabeus 4:24-25

Jasão fugiu para a terra dos amonitas (4:26). Se Menelau era irmão de Simão, o benjamita, não era nem de família sacerdotal; Josefo diz outra coisa. Menelau não pagou o prometido e, conta o livro, desviou objetos de ouro do Templo: deu uns a um certo Andrônico, e "outros tinha vendido em Tiro e nas cidades em volta" (4:27-32). No segundo livro dos Macabeus, o primeiro a saquear o Templo é um sumo sacerdote judeu.[4]

O rei que chorou

Onias, o sumo sacerdote deposto, estava refugiado num santuário de asilo em Dafne, junto de Antioquia, e denunciou o roubo. A pedido de Menelau, Andrônico o tirou do asilo "com juramentos" e o matou, e "não só os judeus, mas muitos das outras nações se indignaram" (4:33-35). O que o rei fez, quando soube, é a cena mais surpreendente do livro.

2 Macabeus 4:37

ψυχικῶς οὖν ὁ Ἀντίοχος ἐπιλυπηθεὶς καὶ τραπεὶς ἐπὶ ἔλεος καὶ δακρύσας διὰ τὴν τοῦ μετηλλαχότος σωφροσύνην καὶ πολλὴν εὐταξίαν

"Então Antíoco, entristecido na alma e movido à compaixão, chorou pela moderação e pela grande compostura do falecido."

Depois tirou a púrpura de Andrônico, levou-o pela cidade até o lugar do crime e ali o matou (4:38). No livro mais hostil ao rei, o rei chora por um sumo sacerdote fiel e executa o assassino; o vilão é Menelau. Josefo, porém, não conhece esse assassinato: nas *Antiguidades judaicas*, Onias simplesmente "morreu" (12.237).[5]

O povo contra o irmão do sumo sacerdote

Em Jerusalém, o irmão de Menelau, Lisímaco, que ficara como substituto, fazia "muitos sacrilégios". O povo se juntou contra ele e, com pedras, paus e "a cinza que estava ao lado", matou "o sacrílego junto ao tesouro" (4:39-42). A primeira revolta popular que o livro conta é contra o irmão do sumo sacerdote, e não contra o rei.

Os anciãos mandaram três homens acusar Menelau diante do rei, em Tiro. Menelau subornou um certo Ptolemeu, filho de Dorimenes; o rei absolveu Menelau, "causa de toda a maldade", e condenou à morte os três acusadores, homens "que, se tivessem falado diante de citas, teriam sido soltos" (4:43-47). O rei que chorou por Onias, aqui, vende a sentença.[6]

Mil homens contra a cidade

Em 168, enquanto Antíoco estava no Egito, correu "um boato falso de que Antíoco tinha deixado a vida". Jasão reuniu "não menos de mil homens" e

atacou Jerusalém de surpresa. Menelau se refugiou na acrópole, e Jasão "fazia matanças dos seus próprios concidadãos sem poupar", "pensando levantar troféus de inimigos e não de compatriotas" (5:5-6). Não conseguiu o poder, fugiu e morreu longe, em Esparta (5:7-10).

Antes de o rei entrar no santuário, Jerusalém já estava em guerra civil, e quem conta isso é o livro mais hostil ao rei.

Josefo conta de outro jeito

Flávio Josefo, sacerdote de Jerusalém que comandou tropas contra Roma e depois escreveu em Roma, conta a mesma história duas vezes, e nenhuma bate com o segundo livro dos Macabeus. Nas *Antiguidades judaicas*, de por volta de 93, Menelau é um irmão mais novo do próprio Onias, que também se chamava Onias (12.238-239). Com ele ficaram "os filhos de Tobias", uma família poderosa do outro lado do Jordão, e foram ao rei.



"[...] declarando-lhe que queriam deixar as leis pátrias e a constituição delas, seguir as do rei e ter a constituição grega."

Josefo, *Antiguidades judaicas* 12.240

Em Josefo, quem pede o ginásio não é Jasão: é o partido de Menelau. Na *Guerra judaica*, escrita uns vinte anos antes, a história é outra: "tendo caído uma sedição entre os poderosos dos judeus", Onias expulsou da cidade os filhos de Tobias, e eles, refugiados junto de Antíoco, "suplicaram-lhe que, usando-os como guias, invadisse a Judeia". O rei tomou a cidade à força e matou "uma grande multidão dos partidários de Ptolemeu", isto é, do rei do Egito; e as proibições vieram "pela lembrança do que tinha sofrido no cerco" (1.31-34).

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S02-001

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Antíoco IV Epifânio*. O fascículo inteiro tem 55 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender